

N.º 140 — Lisboa, 13 de outubro

5º
ANNO
1895

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mês depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e províncias, anno 52 num. 28000 rs.	Brasil, anno 52 numeros.....	52000 rs.
Semestre, 26 numeros.....	12000 *	Africa e Índia Portuguesa, anno. 28000 *
Cobrança pelo correio.....	100 *	Estrangeiro, anno 52 numeros... 32600 *

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Annuario Commercial

5, Calçada da Glória, 15.

IMPRESSAO

A EDITORA

L onde Barão, 50

Ordem do dia

C. R. da C.

Conquistador da raça dos conquistados.

O Industria na metropole.

O Mandovi na Arcada.

O arya na administração publica.

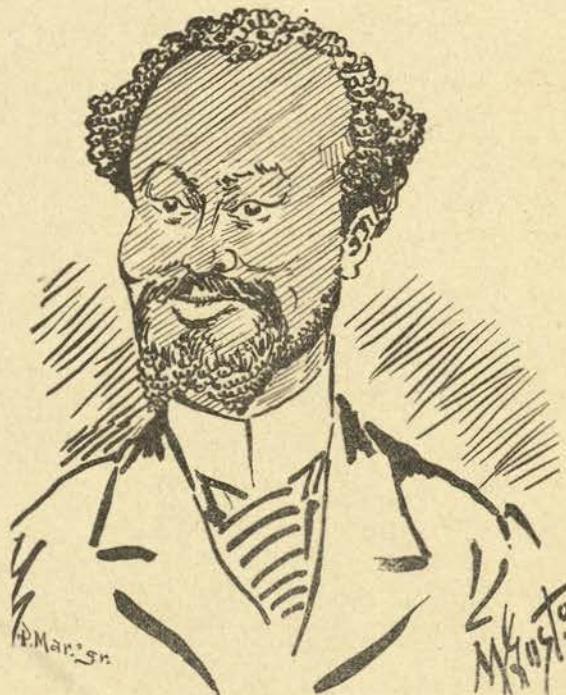
O brahamanismo fazendo carreira.

O budhismo fazendo pela vida.

Çakia-Muni trepando.

A figueira selvagem dando fructos.

O India, velho berço aryano, dá-nos religiões; dá-nos metaphysica, dá-nos caril, mas não nos dês mais consules!



Pasta brilhante **AMOR**

Para limpar toda a qualidade de metaes

Briquetes marca **ESPADA**

Para limpeza de vidros e espelhos

Garante-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositarios em Portugal: J. B. Fernandes & C.º Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. venda em todas as mercearias, drogarias e lojas de ferragens. — Grandes descontos aos revendedores.



Callista Pedicuro Jeronymo Fernandes

RUA SERPA PINTO — 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACCAO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos. Pede-se ao público que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Verão de 1905 — Serviço de banhos e aguas thermaes

Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por dois meses com facultade de ampliação de prazo.

Thermas: Cucos, Caldas da Rainha, Curia (Mogofres), Piedade (Alcobaça), Amieira, Fadagosa e Unhaes da Serra (Tortozendo e Covilhã).

Praias: Do Furadouro, Espinho, Granja, Porto, Foz do Douro, Mattosinhos, Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.

Desde 1 de junho até 15 de outubro de 1905, a Companhia terá à venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois meses, das suas principaes estações para as que servem as localidades acima designadas.

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA

CORRETOR

VIRGILIO DA COSTA

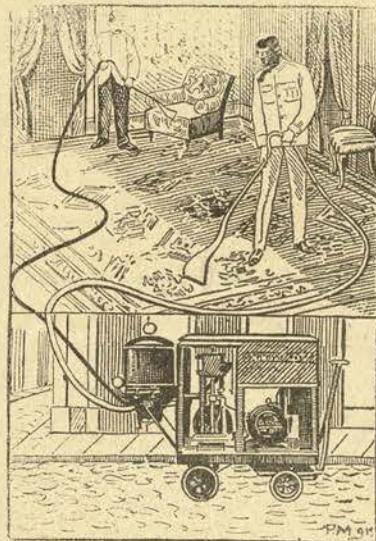
Escriptorio

RUA D'EL-REI, 112, 114

Limpeza de casas, tapetes, mobilias, theatros, etc.

POR ASPIRAÇÃO

EMPRESA EXPLORADORA DAS PATENTES BOOTH, L.ºA



Limpeza por aspiração

Palacio da Flôr da Murta

152-A, 1.º R. do Poço dos Negros, 152-A, 1.º

LISBOA

TELEPHONE N.º 646

Esta empreza encarrega-se da limpeza de tapetes, alcatifas, estofoes, cortinas, reposteiros, carruagens, etc., etc., tanto na sua séde, para o que tem installações apropriadas, como nos domicilios.

A limpeza por aspiração apresenta innumerias e importantes vantagens:

Evita o levantamento das tapessarias e a sua remoção para locaes improprios, deixando-as ficar completamente limpas e as cōres mais vivas. Substitue vantajosamente o antigo sistema de bater os tapetes com chibatas que apenas levanta a poeira, para novamente a deixar cahir sobre o tecido que se pretende limpar.

Evita a perniciosa dispersão dos microbios, por isso que os tubos de aspiração absorvem por completo todo o pó sem o espalhar pela atmosphera.

Esta limpeza pode-se effectuar sem haver necessidade de tirar os moveis das respectivas salas.

A limpeza por aspiração é rapida, hygienica e economica

A. D'ABREU

ANTIGA CASA
Viúva Soares & Filho

JOALHERIA E OURIVESARIA

SEMPRE NOVIDADES

57, e 59, Rua do Ouro, 57 e 59. LISBOA



N.º 140 - LISBOA, 6 DE OUTUBRO

5º
ANO
\$5

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 REIS

Um mês depois de publicado 80 réis

Redação e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento aédatado)

Lisboa e províncias, anho 22 num. 28000 rs.	Brasil, anho 22 numeros.....	52000 rs.
Semestre, 26 numeros.....	Africa e India Portuguesa, anho 28000 rs.	52000 rs.
Cobrança pelo correio.....	Estrangeiro, anho, 22 numeros.....	52000 rs.

NOTA: — As assinaturas por anho e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho.

EDITOR — CARLOS CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

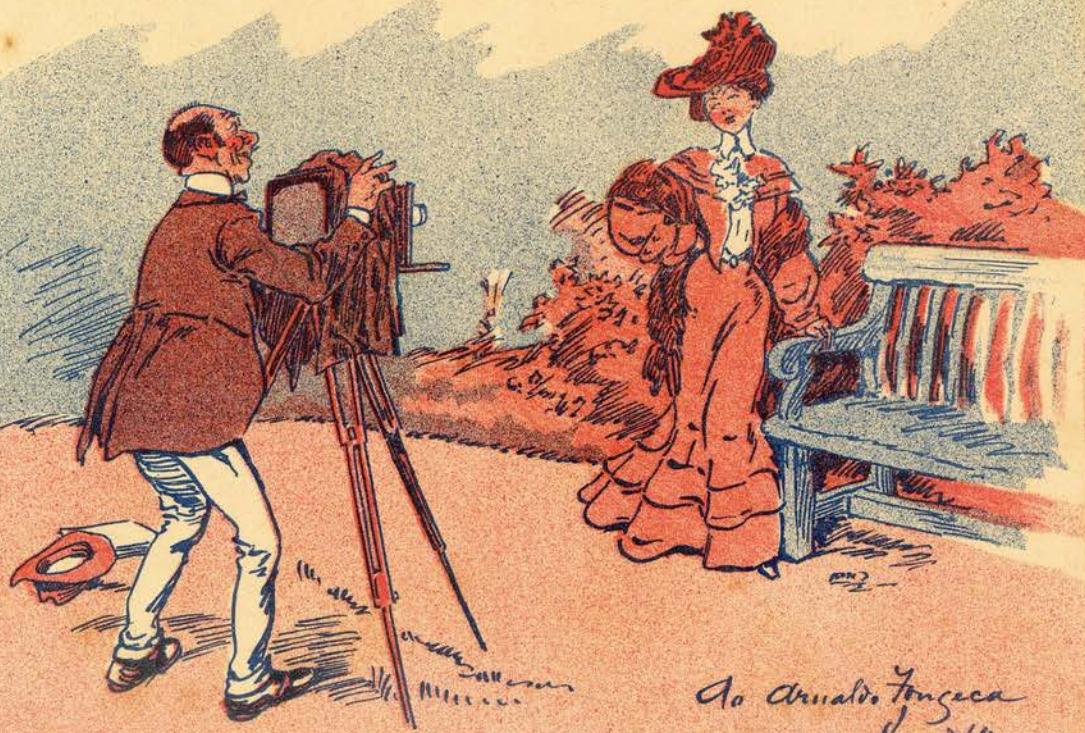
82, Rua do Noro. 82

IMPRESSÃO

"A EDITORA"

L. Conde Barão

GRAÇA INGLEZA



do Alvaldo Tonga
W. Tonga

O MODELO — Então? Acha que estou bem assim?

O PHOTOGRAPHO AMADOR — Está muitíssimo bem. A posição é optima. Ora tenha a bondade de vir aqui ver como está bem!...

JOGAR

(Carta)

Não te enganaram. Fui com effeito uma noite d'estas ao Estoril e joguei. Joguei e perdi. Naturalmente.



Estás alarmado e vês-me já voltando novamente ao Estoril, jogando novamente e novamente—perdendo. Não te assustes. Não sei se voltarei ao Estoril, não sei se voltarei a jogar e a perder. O que, porém, pretendes significar com o teu alarme —isso t'o asseguro — não succederá.

Não! Não ficarei jogador, não serei nunca jogador!

E' um vicio jogar? Assim se affirma. Esse vicio nunca o terei, e para que não te extravies em instaveis conjecturas, vou, desde já, dizer-te porquê.

Eu não comprehendo que se jogue senão uma vez na vida, como nas antigas novellas em que entrava o Diabo, para vencer o Diabo, ou ser vencido por elle. O Diabo era o — Destino. Jogar era dar batalha ao Destino.

Este jogo infernal era o jogo do dado e jogava-se de pé, com uma capa a arrastar pelo chão e a mão nos



copos de uma espada. O dinheiro era coisa que não aparecia n'essas aven-

turas fabulosas. Jogava-se sob palavra, primeiro muitos mil ducados de ouro, que não se ouvia tinir, e, por fim, quando vinha a ruina, um castello nas Cevennas, que nenhum banqueiro, nem mesmo o Diabo, se recusava a acceitar—sem «porta». Tendo perdido tudo exclamava-se—Damação! e o Diabo apoderava-se de nós.

Quando leio ou ouço que em Monte Carlo, um ou outro jogador arruinado, poz termo á vida, comprehendo o admiravelmente. No jogo, segundo o meu conceito, uma d'estas duas coisas deve saltar — a banca, ou os miolos.

Sem ducados d'ouro, sem uma capa, sem uma espada e sem um castello nas Cevennas, eu só poderei jogar uma ou outra vez, para me aborrecer do jogo, para detestar o jogo.

O jogo perdeu a sua tradição. O que é elle hoje? Uma industria. Abrem-se casas de jogo, como se abrem casas bancarias. Chegou-se a isto: uma dynastia vive dos rendimentos de uma roleta.

Outr'ora, as casas de jogo chavam-se — *tavolagens* e funcionavam nas adegas, como lojas maçonicas.

Hoje chamam se *casinos*, tem uma orchestra e uma sala de baile, onde se dança. A tradição não assignala a existencia de «banqueiros». Os homens jogavam, como se batiam, em duello singular, uns contra os outros, como adversarios dispostos a liquidar no terreno uma velha quisi-lia. O «banqueiro» é o jogo organisa-do em especulação. Não é já a casa de jogo — é realmente o Banco, com os seus funcionarios, os seus balcões, os seus *guichets*. Tu perdes, e nada mais perfeito do que o proceso pratico por que a meza em que largaste a tua nota de vinte mil réis a recebe e recolhe. Tu ganhas? Ganhas mesmo uma somma consideravel? Não imagines que te sobrecarregam com um sujo numerario. Se tens essa *chance*, recebes um cheque, que vaes no dia seguinte descontar n'um Banco.

Pensas que o pessoal d'este establecimento tem o desagradavel aspecto dos miserios dependentes das tavolagens que talvez conheces? Qual! No Estoril, este pessoal serve-te a sorte adversa, ou propicia—de *smoking*. E' a manga de alpaca ao serviço das tuas paixões.



Por sua vez, se o jogo perdeu tradição, o jogador não é já o que foi. Fazer jogar é uma industria, mas jogar é um modo de vida.

O que ainda nos faz perdoar as nossas paixões é a imprudencia com que nos precipitamos n'ellas. N'essa imprudencia ha o quer que seja desinteressado e generoso, que até certo ponto nos resgata. No moderno jogador nenhuma imprudencia e, ao contrario, cautella. Elle não quer a fortuna e não a procura desvairadamente. O que elle pede ao Accaso é tão somente que o commandite dando-lhe num pequeno numero de paradas certeiras a pequena porção de felicidade que ambiciona e que não é muita.

Jogar é um conflicto. O jogador não quer desordens com a Sorte. Mal obtém algumas vantagens, volta-lhe as costas, retira-se, esgueira-se surrateiramente, para volver no dia seguinte á mesma facil proeza.

Algumas vezes, no entanto, estes jogadores se deixam arrebatara por uma irreflectida ambição. São então medonhos. Vae ao Estoril, lá os verás. O jogador sem dinheiro rondando á volta de uma meza de jogo, não



é um homem: é uma fera. Segue o com os olhos. O seu aspecto é inquietador. Fareja. Subito, vel-o-has precipitar-se sobre a meza, bater com os nós dos dedos no tapete verde, gritar, barafustar, reclamar. O que é? E' o jogador que exige uma parada que não fez, que é d'outro, mas que elle revindica com tal energia que acaba por a recolher, livo, mas impassivel. Vilania! dirás tu. Meu filho!

em volta de uma meza de jogo tudo sucede. Por este processo perdi eu obra de sete mil e duzentos. Vê tu que desconsolação!

Contudo, presenciei no Estoril o spectaculo de numerosos varões que iam ali lançar um repto ingenuo á esquiva. Sorte; mas esse spectaculo não é mais agradavel do que o d'aqueles que sollicitam astutamente a sua cooperação.

O spectaculo, todo elle, é por igual contristador, porque não conheço outro em que os instinctos humanos appareçam mais hediondamente a nü. Ver jogar o homem é ter horror ao homem. O que nos resgata é a generosidade. O jogo é o contrario d'isso. Quando está jogando, o homem deixa de ter toda a solidariedade com o seu semilhante. E' só elle, no que elle tem de mais absorvente, que é o seu interesse proprio. Se a alma egoista é antipatica, o spectaculo do egoísmo é favoroso. O jogo é esse spectaculo.

Comprehendes tu porque nunca poderei jogar? O jogo indispõe me com a Especie. Demasiado eu sei que a alma humana não é bella. Demasiado sei que é muitas vezes hedionda. Não importa! Apraz-me vel-a, suppol-a, sonhal-a através de uma illusoria concepção optimista. O spectaculo do jogo destroea no meu espirito esta illusão. Um prostibulo é um mal social, mas uma tavolagem é um mal da alma. A consciencia d'esse mal confrange-me. Socega, pois! Eu levo para o jogo pouco dinheiro e muita metaphysica e com estes materiaes não se faz um jogador.

JOÃO RIMANSO.



O SR. MENDONÇA E COSTA E A LÓGICA

Ao nosso collega Mendonça e Costa sucedem casos extraordinarios.

Este, por exemplo, referido pelo *Primeiro de Janeiro*:

«Mendonça e Costa, que como sabem, é um excelente cavaqueador,



deliciou me com interessantes descrições da sua viagem pela America, que elle atravessou em todas as direcções. Leva, porém, uma penosa e lesiva recordação d'esta viagem. Foi o caso que tendo o nosso amigo, para viajar mais commodamente e menos sobrecregido de bagagem, deixado duas grandes malas com quasi toda a sua ronpa e de sua esposa, e alguns objectos d'ouro além de varios artigos que tinha adquirido, no hotel em que se hospedara em New-York, quando ali voltou encontrou as malas



vazias e o hotel fechado, porque o proprietario tinha aberto fallencia e fugido.»

Outro dos nossos collegas que não fosse o sr. Mendonça e Costa comeria por encontrar o hotel fechado antes de encontrar as malas vazias.

Elle, porem, não conhece nenhuma logica despotica, e antes mesmo que o hotel se abrisse abria elle — as suas malas.

Excellent sr. Mendonça e Costa!

*

PREPARATIVOS PARA A RECEPÇÃO DO PRESIDENTE LOUBET



OS MENINOS—O' papá? O que é que nos havemos de dizer?
O PAPÁ—Os meninos não aparecem... Vão lá para dentro!

M. Augusto Borda Neto

Os mendigos de Lisboa, ou o culto das apparencias

Periodicamente, a nossa imprensa reclama das autoridades a repressão da mendicidade, sob a allegação de que o espectáculo das ruas da capital, incadas de mendigos, é nocivo ao prestígio da nossa civilização. Assim agora se está fazendo a propósito da visita que se anuncia do presidente Loubet.



A imprensa mostra d'este modo ter da miseria uma noção pelo menos errada. A miseria seria, segundo ella, a roupa suja das civilizações. Pôde a sociedade estar em manifesta decadência e o Estádio em bancarrota franca. Pôde o povo ser o menos culto, o mais bronco, o mais rotineiro da terra. A terra, por sua vez, pôde estar por lavrar e não serem suficientes os seus fructos. Pôde reinar a desordem em todos os ramos da administração. Pôde o exercito ser apenas uma secretaria e a marinha um caes. Pôde, n'uma palavra, a civilização estar em completo descrédito: não haver fortuna, não haver prosperidade, não haver commercio, industria, agricultura, poderio militar, artes, letras, esplendor.

O essencial, no nosso ponto de vista, é que as ruas estejam limpas: que a carroça passe todas as manhãs e escrupulosamente recolha e leve para um affastado monturo tudo quanto possa macular a apparencia exterior da civilização, isto é — a miseria e o lixo.

Quer dizer, é forçoso que os povos, assim como os individuos que foram e já não são, mantenham a todo o transe o culto das apparencias.

No nosso ponto de vista, fazer civilização é fazer *toilette*. O mendigo é uma nôdoa. Por isso, periodicamente reclamamos limpeza. Existe a miseria, nas ruas como em toda a parte.

Como procuramos conjurar a?
Com benzina.

Quer saber-se, por exemplo, o que veio reconciliar a civilização portuguesa com ella mesmo?

A Avenida!

Antes da Avenida, existia em Lisboa, a despeito da pachorrenta apparencia das coisas, um verdadeiro fermento revolucionario. Conspirava-se. O Club Henriques Nogueira era um facto. Latino escrevia no *Seculo*. Lia-se Proudhon. O governo prohibia as conferencias do Casino. As *Farpas* zuniam ás orelhas do poder executivo, bem como ás do moderador. O *Drama do Povo* apparecia como um symptoma de inquietação geral. A Lisboa demagoga, philosophante e clubista procurava despedaçar as grades... do Passeio Público.

Sobreveio então Rosa Araujo e fez a obra dos revolucionarios: destruiu o Passeio.

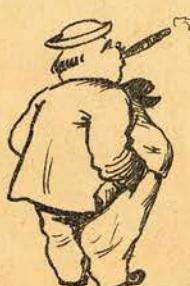
Desde logo, a revolução foi conjurada.

Quando Lisboa se encontrou sobre a Avenida, Lisboa dançou, como outrora Paris sobre a Bastilha.

Calaram-se as vozes insubmissas. Latino deu-se ao trabalho de morrer. Não se leu mais Proudhon e passou-se a ler o *Diario do Governo*.



O *Drama do Povo* cedeu o logar aos dramas de Georges Ohnet. Fechou o Club Henriques Nogueira. Abriu o Theatro D. Ámelia.



A Avenida, oferecendo-se á população, como a promessa de um futuro novo, sozegou toda a gente.

O estado geral da nação não era bom: era mesmo pessimo; mas a cidade aformoseava-se. Começou se a construir, a plantar, a jardinar. O sr. Conceição Silva fez o seu predio. Alargou-se o passeio do Neves. O Martinho forrou a papel.

Quando se construiu a estação do Rocio e o Hotel Internacional apareceu ao lado com as suas fachadas de cartão e os seus jantares com musica, a sociedade em peso acreditou sinceramente que Portugal estava restaurado e ia começar de novo, como no passado — a vender pimenta.

Principiou-se então a reclamar com a reforma da cidade, a reforma dos costumes.

Banniú-se a calça á bocca de sino; os fadistas foram exportados para



Angola; as boas maneiras tornaram-se obrigatorias; foi prohibido implicar com as senhoras; abriu o *Rendez-vous des Gourmets* e começou a funcionar o Juizo de Instrução



Criminal. Acabaram os pregões, os realejos, os trovadores de rua, os tocadores de cornetim e os ursos amestrados.

N'esta ordem de idéas, procura se acabar com a mendicidade, isto é, procura-se mais uma vez salvar — as apparencias.

Como se Lisboa, sem mendigos, deixasse de ser a capital de um reino extremamente pobre!



A SENTENÇA DO LYCEU

Foi condenado pelo conselho do Lyceu de Lisboa, a cinco annos de bannimento da vida escolar, um alumno que, á sahida de uma aula, aggrediu um professor.



O alumno em questão ficou privado em virtude d'esta condenação de frequentar durante cinco annos, qualquer dós lyceus do reino, o que nos leva a crer que a sua carreira escolar é chão que deu uvas.

Este facto não teve o privilegio de commover a imprensa, ou o publico, os quais d'este modo e até certo ponto o sancionaram como excellente.

Contudo e salvo melhor parecer, elle affigura-se-nos de proporções consideraveis para, pelo menos, dar nas vistas.

Affigura se-nos que a jurisdição escolar dá direitos exagerados e que é mais do que uma jurisdição escolar: é uma jurisdição inquisitorial.

Bannir o alumno do Lyceu de Lisboa por cinco annos, cremos ser suficiente homenagem á disciplina e reparação bastante ao pedagogo maltratado.

Bannir o de todos os lyceus, fechar-lhe todas as portas não é já disciplina, não é já reparação — é facciocismo, é intolerancia, é furia.



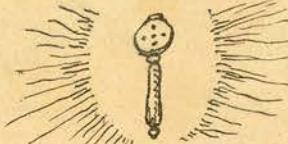
Certo, um professor é uma respeitável entidade social cujas deliberações não devem ser rasoavelmente

contestadas á pancada; mas, por outro lado, é elle uma entidade social de tão considerável tamanho que tocar-lhe seja incorrer nas penas do inferno?

Depois da sentença do Lyceu de Lisboa nós ficamos lamentando menos o magisterio portuguez, tão queixoso do abandono a que o votam os poderes publicos.

Esse abandono não é completo. O que elle não tem em emolumentos, sobra-lhe em immunidades.

Os emolumentos serão pequenos, mas as immunidades são formidaveis.



Os segredos de uma palavra mal escripta

Pequenos factos explicam ás vezes grandes phenomenos.

Lendo um dia d'estes nos jornaes uma declaração escripta pelo punho do auctor do crime de Setubal e com a ortographia original, deparou-se-nos o seguinte final de periodo:

.... mas eu não quiz annuir ao pedido do sr. Abel Marques so lhe dice que só queria que a sr.^a D. Maria me comprise o que me prometeu que foi 100.000 réis e pagar-me todos os dias de prisão ante que ella e seu marido me possesem em *Levardade*.



Grifhamos a palavra *Levardade*, porque foi ella que nos chamou especialmente a attenção, fazendo-nos reflectir que um povo que escreve d'esta forma a palavra *Liberdade* não pôde ter da liberdade senão uma concepção grosseira.

Nós comprehendemos uma ortographia deficiente. Ha vocabulos, porém, que são insusceptiveis de uma graphia viciosa. A palavra *liberdade* é um d'elles. Escrever mal *Liberdade* é pronuncial-a mal; é comprehenda-la mal.—E' não a comprehend.

Diz Guerra Junqueiro que os portuguezes só dão pela falta da liberdade, quando estão na cadeia.



Essa liberdade, a liberdade que consiste em não estar na cadeia, é que se escreve assim—*Levardade*.

E' a liberdade de que o nosso povo tem a noção — a liberdade motora, a liberdade das pernas, a liberdade do corpo.

Se elle tivesse alguma noção da outra, da liberdade abstracta, que não se traduz só no direito de andar á solta, elle não escreveria *levardade* e saberia escrever—*Liberdade*.



Nós não sabemos como está o povo francês de ortographia. Estamos porém, certos, de que o ultimo camponês da França, mesmo ignorando muito, não ignorará a graphia da palavra — *liberdade* ... E' que a terá no ouvido, é que a terá nos olhos, como velhos sons, como velhas imagens.

A nossa *levardade* é ainda a gauguez, é ainda a cegueira.

Um bruto que pronuncia e escreve *levardade* não tem direito a ser livre.



OS AMERICANOS DO ESTORIL

Os americanos ganharam quinze contos de réis na roleta do Estoril.



A doutrina de Monroe, ou a America para os americanos... e o Estoril também.

AGUA DE MEZA SAMEIRO

de uma leveza extraordinaria e de uma pureza indiscutivel, engarrafada debaixo de todos os preceitos indicados pela Scien-cia.

As garrafas e as ro-lhas usadas no en-garramento da Agua de Meza

Sameiro

Sao sempre esterilizadas

E ja conhecida pelas suas pouco vulgares qualidades em quasi todos os paizes es-trangeiros e nas colonias portu-guezas.

Está á venda: em todos os estabelecimen-tos importantes de Portugal

Preços de venda a retalho

Cada garrafa de $\frac{1}{2}$ litro 80 rs.
..... $\frac{1}{4}$ litro 50 rs.

Depósito geral no Porto:

C. Coverley & C.^o

Reboleira, 55, 1.^o

Endereço telegráfico—COVERLEY
Telephone n.^o 18

Em Lisboa:

Manoel José da Silva

RUA D'EL-REI, 31, 2.^o

Telephone n.^o 512

Endereço telegráfico—MISSILVA

OURIVESARIA E RELOJOARIA

com officina annexa

de fabrico

e concertos

FLORINDO *
Joias
com brilhantes
Preços limitadíssimos

99, Rua Aurea, 8

**CONTRA
A DEBILIDADE**

**Farinha Peitoral Ferruginosa
da pharmacia Franco**

Esta farinha, que é um excellente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago débil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou crianças, é ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua ação tonica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo. Está legalmente autorizada e privilegiada. Mais de 300 atestados dos primeiros medicos garantem a sua efficacia.

Conde do Restello & C.^o
• LISBOA — BELEM



EMPREZA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO SERVIÇO DA COSTA OCCIDENTAL E ORIENTAL D'AFRICA

ITINERARIO

Lisboa..... Part.	1	7	22	Moçambique..... Part.	9	—	—
Madeira.....	—	9	—	Beira.....	11/12	—	—
S. Vicente.....	—	13	—	Lourenço Marques.	14/16	—	—
S. Thiago.....	—	14/15	28/29	Mossamedes.....	—	8	24
Príncipe.....	—	23/24	7	Benguela.....	—	9/10	25/26
S. Thomé.....	13/14	25/27	8/10	Novo Redondo.....	—	11	27
Landana.....	—	29	—	Loanda.....	26/27	12/13	28/29
Cabinda.....	—	30	12	Ambriz.....	—	14	30
St.º Ant. ^o do Zaire.....	—	—	13	Ambrizette.....	—	15	1
Ambriz.....	—	—	14	St.º Ant. ^o do Zaire.....	—	—	2
Ambriz.....	—	1	15	Cabinda.....	—	16	3
Loanda.....	17/18	2/3	16/17	Landana.....	—	17	—
Novo Redondo.....	—	4	18	S. Thomé.....	30/1	19/21	5/7
Benguela.....	—	6	20	Príncipe.....	—	22	8
Mossamedes.....	—	7/8	21/22	S. Thiago.....	—	30	17
Bahia dos Tigres.....	—	—	23	S. Vicente.....	—	—	18
Porto Alexandre.....	—	—	23	Madeira.....	—	—	22
Lourenço Marques.	28/2	—	—	Lisboa..... Cheg.	13	6	24
Beira.....	—	4/5	—	Moçambique—Cheg.	7	—	—

VAPORES: Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguela — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bissau — Bolama — Zambezia — Príncipe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: No PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.^o, rua do Infante D. Henrique.

Sede da Empreza: **RUA D'EL-REI, 85 — LISBOA**

Compagnie des Messageries Maritimes

PAQUEBOTS POSTE FRANÇAIS

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres **SAIRÃO** Os paquetes MAGELLAN commandante Dupuy Fromy, que se espera de Bordeaux em 16 de outubro.

O paquete MAGELLAN, não fará escala por Pernambuco e Bahia.

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres o paquete BOSPHORE que se espera de Bordeaux em 19 de outubro.

Para Bordeaux, em direitura, sairão os paquetes: CORDILLE-RE, commandante Richard, que se espera do Brasil em 5 de outubro.

ATLANTIQUE, commandante Le Troadec que se espera do Brazil em 18 de outubro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer informações, trata-se na agencia da companhia, rua Aurea, 32.

Para passagens de 3.^o classe trata-se tambem com os srs. Crey Antunes & C.^o, Praça dos Remolares, 4, 1.^o — Os agentes, Sociedade Tortades, rua Aurea, 32.

